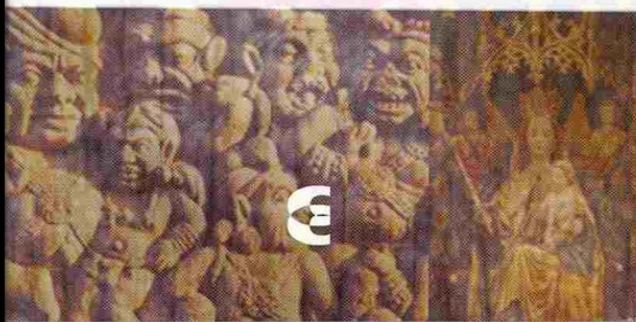


Princípios para uma
COSMOVISÃO
bíblica

**Uma mensagem exclusivista
para um mundo pluralista**

John MacArthur, Jr.



Princípios para uma Cosmóvisão Bíblica

John MacArthur, Jr.

Sumário

Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. (1Jo 3.13)

<u>Introdução.....</u>	<u>3</u>
<u>Capítulo 1 - A Igreja versus o Mundo</u>	<u>6</u>
<u>Capítulo 2 - Objetividade</u>	<u>16</u>
<u>Capítulo 3 - Racionalidade.....</u>	<u>22</u>
<u>Capítulo 4 - Veracidade.....</u>	<u>29</u>
<u>Capítulo 5 - Autoridade.....</u>	<u>34</u>
<u>Capítulo 6 - Incompatibilidade.....</u>	<u>39</u>
<u>Capítulo 7 - Integridade.....</u>	<u>43</u>
<u>Notas Finais.....</u>	<u>47</u>

Introdução

No Movimento de Jesus de 1960 e 1970, o sinal One way [Mão única] — o dedo indicador levantado — se tomou um ícone popular. Adesivos de pára-choques e alfinetes de lapela com os dizeres One way eram encontrados em toda parte e o slogan se tomou as palavras identificadoras dos evangélicos.

O movimento evangélico naqueles dias era extremamente diversificado (De certa forma era ainda mais eclético do que é atualmente). Ele incluía tudo desde o Povo de Jesus, que era parte integral da cultura jovem daquela época, aos fundamentalistas da direita, que desprezavam tudo o que fosse contemporâneo. Contudo, todos tinham pelo menos uma coisa importante em comum: Eles sabiam que Jesus Cristo é o único caminho para o céu. A One way parecia uma crença inabalável de todos os evangélicos.

Esse já não é mais o caso. O movimento evangélico da atualidade não está mais unido em torno desse ponto. Alguns que se denominam evangélicos andam insistindo abertamente que a fé só em Jesus não é o único caminho para o céu. Eles agora estão convencidos que os povos de todas as crenças estarão no céu. Outros simplesmente estão acovardados, constrangidos ou hesitantes em afirmar a exclusividade do evangelho numa época em que o exclusivismo, pluralismo e tolerância são tidos pelo mundo secular como virtudes supremas. Eles pensam que seria um tremendo fora cultural declarar que o Cristianismo é a única verdade e que todas as outras crenças são erradas. Aparentemente o maior medo que o movimento evangélico tem hoje em dia é de ser visto como posicionado em desarmonia com o mundo.

Por que se deu essa dramática mudança?

Por que o movimento evangélico abandonou aquilo que outrora aceitava como verdade? Eu creio que é porque, em sua busca desesperada pelo relevante e atual (na moda), os líderes da igreja na verdade não conseguiram ver para onde se encaminha o mundo contemporâneo e por quê.

Nós não estamos mais vivendo no mundo moderno. Este é o mundo *pós-moderno*. E o pós modernismo é tão hostil à verdade do Cristianismo quanto o foi o modernismo — talvez mais ainda. As questões filosóficas são diferentes, mas a hostilidade do mundo para com a verdade das Escrituras não diminuiu nem um pouco.

Este não é o momento de se fazer amizade com o mundo. E certamente não é tempo de capitular aos gritos do mundo por pluralismo e inclusivismo. A menos que recuperemos nossa convicção de que Cristo é o único caminho para o céu, o movimento evangélico se tornará cada vez mais fraco e irrelevante.

É irônico que tantos que estão demolindo a exclusividade de Cristo, assim fazem porque acreditam que isso é uma barreira à "relevância". Na verdade, o Cristianismo não é relevante de modo algum se ele for apenas um dos muitos caminhos para Deus. A relevância do evangelho tem sido sempre sua exclusividade absoluta, sumariada na verdade que só Cristo fez a expiação pelo pecado e, portanto, só Cristo pode fazer a reconciliação com Deus daqueles que crêem somente nele.

A igreja primitiva pregou a Cristo crucificado, sabendo que a mensagem era uma pedra de tropeço para os judeus religiosos e loucura para os gregos filósofos (1Co 1.23). Nós precisamos recuperar essa ousadia apostólica. Nós precisamos lembrar que pecadores não são ganhos através de relações públicas bem engendradas, mas o evangelho — uma mensagem inerentemente exclusiva — é o poder de Deus para a salvação.

Este pequeno livro deve ser um lembrete da distinção do evangelho. Justamente esta estreiteza coloca o Cristianismo à parte de qualquer outra cosmovisão. Afinal de contas, o ponto central do sermão melhor conhecido de Jesus foi declarar que a estrada para a destruição é larga e bem viajada, enquanto que a estrada da vida é tão estreita que poucos a encontram (Mt 7.14). Nossa obrigação como embaixadores de Deus é justamente apontar a estrada tão estreita. Cristo é, ele mesmo, o único caminho para Deus, e obscurecer o fato é, na realidade, negar Cristo e desacreditar o evangelho em si.

Devemos resistir à tendência de sermos absorvidos nas modas e modismos do pensamento humano. Nós precisamos enfatizar, não diminuir, o que torna o Cristianismo único. E para fazer isso de modo eficaz nós precisamos ter uma melhor compreensão de como o pensamento do mundo está ameaçando a sã doutrina na igreja. Devemos ser capazes de apontar exatamente onde a estrada estreita se afasta da estrada larga.

É para esta finalidade que eu ofereço este pequeno volume. É apenas uma breve resenha, mas minha oração é que ele ajude a estabelecer a verdade do evangelho em contraste claro para com a sabedoria deste mundo. "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio". Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito:

"Ele apanha os sábios na própria astúcia deles" (1Co 3.18,19).

Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. (Jo 14.6)

Capítulo 1 - A Igreja versus o Mundo

Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. (1Jo 3.13)

Por que os evangélicos tentam tão desesperadamente cortejar o favor do mundo? As igrejas planejam seus cultos de adoração para servir aos "sem-igreja". Os produtores cristãos imitam a coqueluche mundana do momento em termos de música e entretenimento. Os pregadores se sentem aterrorizados de que a ofensa do evangelho possa fazer alguém se voltar contra eles; então deliberadamente omitem partes da mensagem que o mundo pode não se agradar.

O movimento evangélico parece ter sido sabotado por legiões de falsos especialistas mundanos que estão empenhados em tentar fazer o melhor que podem para convencer o mundo de que a igreja pode ser tão inclusiva, pluralista e de mente aberta quanto a mais politicamente correta pessoa mundana.

A busca pela aprovação do mundo é nada mais, nada menos que adultério espiritual. Na verdade, isto é precisamente a imagem que o apóstolo Tiago usou para descrevê-la. Ele escreveu, "Infiéis [NKN: "adúlteros e adúlteras"], não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tg 4.4).

Existe e sempre existiu uma incompatibilidade fundamental, irreconciliável entre a igreja e o mundo. O pensamento cristão é totalmente desarmônico com todas as filosofias da História. A fé genuína em Cristo implica numa negação de todo valor mundano. A verdade bíblica contradiz todas as religiões do mundo.

O próprio Cristianismo é, portanto, virtualmente contrário a tudo o que este mundo admira.

Jesus disse a seus discípulos, "Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia" (Jo 15.18,19).

Observe que o nosso Senhor considerou como certo que o mundo desprezaria a igreja. Longe de ensinar a seus discípulos a que tentassem ganhar o favor do mundo, reinventando o evangelho para se adequar às suas preferências, Jesus expressamente advertiu que a busca pelas aclamações mundanas é uma característica dos falsos profetas: "Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas" (Lc 626).

Ele foi mais longe, "Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más" (Jo 7.7). Em outras palavras, o desprezo do mundo pelo Cristianismo deriva de motivos morais, não intelectuais: "O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras" (Jo 3.19,20). É por esta razão que, não importa quão dramaticamente a opinião do mundo possa vir a variar, a verdade cristã não será jamais popular ao mundo.

Contudo, virtualmente em toda época da história da igreja, tem havido gente na igreja que está convencida de que a melhor maneira de ganhar o mundo é satisfazer os seus gostos. Tal tipo de abordagem tem sempre sido em detrimento da mensagem do evangelho. As únicas vezes que igreja causou impacto significativo sobre o mundo foi quando o povo de Deus permaneceu firme, se recusou a compactuar

e ousadamente proclamou a verdade apesar da hostilidade do mundo. Quando os cristãos se desviam da tarefa de confrontar os enganos do mundo com as impopulares verdades bíblicas, a igreja invariavelmente perde sua influência e impotente se mescla ao mundo. Tanto as Escrituras quanto a História atestam esse fato.

E a mensagem cristã simplesmente não pode ser torcida para se conformar com a instabilidade da opinião do mundo. A verdade bíblica é fixa e constante, não sujeita a mudança ou adaptação.

A opinião do mundo, por outro lado, está sempre em fluxo constante. Os vários modismos e filosofias mudam radicalmente e regularmente de geração para geração. A única coisa que permanece constante no mundo é seu ódio por Cristo e seu evangelho.

Ao que tudo indica, o mundo não abraçará por muito tempo qualquer das ideologias que estão atualmente em voga. Se a História servir como indicador, quando nossos netos se tomarem adultos a opinião do mundo terá sido dominada por um sistema completamente novo de crenças e um conjunto de valores totalmente diferente. A geração de amanhã renunciará a todas os modismos e filosofias de hoje, mas urna coisa permanecerá imutável: até que o Senhor mesmo volte, seja qual for a ideologia que ganhe popularidade no mundo, ela será tão hostil às verdades bíblicas como o foram todas as precedentes

MODERNISMO

Pense no que aconteceu no século passado, por exemplo. Cem anos atrás a igreja estava ameaçada pelo *modernismo*.

Modernismo era uma cosmovisão baseada na noção de que somente a ciência podia explicar a realidade. O modernista, com efeito, começou com a pressuposição de que nada sobrenatural é real.

Deveria ter ficado instantaneamente óbvio que o modernismo e o Cristianismo eram incompatíveis no nível mais básico. Se nada sobrenatural era real, então grande parte da Bíblia seria falsa e sem autoridade; a encarnação de Cristo seria um mito (anulando a autoridade de Cristo também); e todos os elementos sobrenaturais do Cristianismo, incluindo o próprio Deus, teriam de ser totalmente redefinidos em termos naturalistas. O modernismo foi anticristão até à sua medula.

Não obstante, a igreja visível no começo do século 20 ficou cheia de gente que estava convencida de que modernismo e Cristianismo podiam e deviam ser conciliados. Eles insistiam que se a igreja não acompanhasse o passo com dos tempos, abraçando o modernismo, o Cristianismo não sobreviveria ao século 20. A igreja se tornaria paulatinamente irrelevante para o povo moderno, eles diziam, e logo desapareceria. Assim sendo, eles inventaram um "evangelho social" desprovido do verdadeiro evangelho da salvação.

Naturalmente, o Cristianismo *bíblico* sobreviveu o século 20 muito bem, obrigado. Nos lugares onde os cristãos permaneceram comprometidos com a verdade e autoridade das Escrituras, a igreja floresceu, mas, ironicamente, aquelas igrejas e denominações que abraçaram o modernismo foram as que se tornaram pouco a pouco irrelevantes e desapareceram antes do fim do século. Muitos edifícios de pedra, grandiosos, mas quase vazios, dão testemunho da fatalidade da conformação com o modernismo.

POS-MODERNISMO

O modernismo é agora considerado como um modo de pensar do passado. A cosmovisão dominante tanto no círculo secular quanto no acadêmico atualmente é chamada de *pós-modernismo*. Os pós-modernistas têm repudiado a confiança absoluta dos modernistas na ciência como único caminho para a verdade.

Na realidade os pós-modernistas perderam completamente o interesse pela "verdade", insistindo que não existe tal coisa como verdade absoluta ou universal.

O modernismo era de fato asneira e precisava ser abandonado, mas o pós-modernismo é um passo trágico na direção errada. Ao contrário do modernismo, que estava ainda preocupado com a possibilidade de convicções básicas, crenças e ideologias serem objetivamente verdadeiras ou falsas, o pós-modernismo simplesmente nega que qualquer verdade possa ser objetivamente conhecida.

Para o pós-modernista a realidade é o que o indivíduo imagina que seja. Isso significa que o que é "verdadeiro" é determinado subjetivamente por cada um, e não existe tal coisa como a chamada *verdade objetiva*, com autoridade que governa ou se aplica universalmente a toda humanidade. O pós-modernista acredita naturalmente que não faz sentido debater se a opinião A é superior à opinião B. No final de contas, se a realidade é meramente uma invenção da mente humana a perspectiva de verdade de uma pessoa é afinal tão boa quanto a de outra.

Tendo desistido de conhecer a verdade objetiva, o pós-modernista se ocupa em lugar disso, com a busca para "entender" o ponto de vista da outra pessoa. Então as palavras "verdade" e "compreensão" tomam significados radicalmente novos. Ironicamente, "compreensão" requer que primeiro de tudo desacreditemos na possibilidade de

conhecer qualquer verdade afinal. E "verdade" se torna nada mais do que uma opinião pessoal, geralmente melhor guardada para si mesmo.

Essa é uma exigência essencial, não negociável que o pós-modernismo faz a todo mundo: nós não devemos pensar que conhecemos qualquer verdade objetiva. Os pós-modernistas freqüentemente sugerem que toda opinião deveria receber igual respeito. E, portanto, numa visão superficial, o pós-modernismo parece movido por uma preocupação pela mente aberta para se chegar à harmonia e tolerância. Tudo soa muito caridoso e altruísta, mas o que realmente sublinha o sistema de crenças pós-modernistas é uma *intolerância* total por toda cosmovisão que faça alegações de qualquer verdade universal particularmente o Cristianismo bíblico.

Em outras palavras, o pós-modernismo começa com uma pressuposição que é irreconciliável com a verdade objetiva, divinamente revelada nas Escrituras. Da mesma forma que o modernismo, o pós-modernismo é fundamental e diametralmente oposto ao evangelho de Jesus Cristo.

PÓS-MODERNISMO E A IGREJA

Não obstante, a igreja atualmente está cheia de gente que advoga idéias pós-modernistas. Alguns deles fazem isso consciente e deliberadamente, mas a maioria o faz sem querer (Tendo embebido demasiado do espírito dos tempos, eles estão simplesmente regurgitando opiniões do mundo). O movimento evangélico como um todo, ainda se recuperando de sua longa batalha contra o modernismo, não está preparado para um adversário novo e diferente. Muitos cristãos, portanto, não reconheceram ainda o perigo extremo colocado pelo pensamento pós-modernista.

A influência pós-modernista claramente já infecta a igreja. Os evangélicos estão baixando o tom da sua mensagem para que as rígidas alegações de verdades do evangelho não soem tão desagradáveis aos ouvidos pós-modernos. Muitos evitam fazer afirmações inequívocas de que a Bíblia é verdadeira e todos os outros sistemas religiosos do mundo são falsos. Alguns que se intitulam cristãos foram ainda mais longe, determinadamente negando a exclusividade de Cristo e abertamente questionando sua alegação de ser ele o único caminho para Deus.

A mensagem bíblica é clara. Jesus disse, "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). O apóstolo Pedro proclamou a uma audiência hostil, " ... não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12). O apóstolo João escreveu, " . quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (Jo 3.36). Repetidas vezes as Escrituras enfatizam que Jesus Cristo é a única esperança de salvação para o mundo. " ... há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1Tm 2.5). Somente Cristo pode expiar pecados e, portanto, somente Cristo pode dar salvação. " ... o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1Jo 5.11,12).

Essas verdades são contrárias à doutrina central do pós-modernismo. Elas fazem alegações de verdade exclusivas, universais, declarando ser Cristo o único caminho para o céu e errôneos todos os outros sistemas de crença. Isto é o que as Escrituras ensinam. É o que a igreja verdadeira tem proclamado ao longo de toda sua história. É a mensagem do Cristianismo. E simplesmente não pode ser ajustado para acomodar as sensibilidades pós-modernas. Em

vez disso, muitos cristãos simplesmente vão passando por cima das alegações exclusivas de Cristo, debaixo de um silêncio constrangedor. Pior ainda, alguns na igreja — incluindo alguns dos mais conhecidos líderes evangélicos — começaram a sugerir que talvez o povo possa ser salvo fora do conhecimento de Cristo.

Os cristãos não podem capitular ao pós modernismo sem sacrificar a essência da nossa fé. A alegação da Bíblia de que Cristo é o único caminho da salvação está certamente em desarmonia com a noção pós-moderna de "tolerância", mas é, no final de contas, exatamente o que a Bíblia claramente ensina. E a Bíblia, não a opinião pós-moderna, é a autoridade suprema para o cristão. Somente a Bíblia deve determinar o que nós cremos e proclamar isso ao mundo. Nós não podemos abrir mão disso, não importa quanto o mundo pós-modernista reclame que nossas crenças fazem de nós pessoas "intolerantes".

TOLERÂNCIA INTOLERANTE

A veneração da tolerância pelo pós-modernista é uma característica óbvia, mas essa versão da "tolerância" é, na verdade, uma distorção perigosa da verdadeira virtude. Aliás, tolerância nunca é mencionada na Bíblia como uma virtude, exceto no sentido de paciência, longanimidade e mansidão (ver Ef 4.2). De fato, a noção contemporânea de tolerância é um conceito pateticamente fraco comparado ao amor que as Escrituras ordenam aos cristãos que mostrem aos seus inimigos. Jesus disse, "amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam" (Lc 6.27,28; confira os versículos 29-36).

Quando nossos avós falaram de tolerância como uma virtude, eles tinham isso em mente. A palavra então

significava respeitar as pessoas e tratá-las com bondade mesmo quando acreditamos que elas estão erradas, mas a noção pós moderna de tolerância significa que nós nunca devemos considerar a opinião de ninguém como errada. A tolerância bíblica é para as pessoas; a tolerância pós-moderna é para idéias.

Aceitar toda crença como igualmente válida dificilmente é uma virtude real, mas é praticamente o único tipo de virtude que o pós-modernismo conhece. As virtudes tradicionais (incluindo humildade, domínio próprio e castidade) são abertamente zombadas e até mesmo consideradas como transgressões, no mundo do pós-modernismo.

Previsivelmente a beatificação da tolerância pós-moderna tem tido seus efeitos desastrosos sobre a verdadeira virtude em nossa sociedade. Nestes tempos de tolerância, o que era proibido passou a ser encorajado. O que era tido como imoral é agora festejado. Infidelidade marital e divórcio foram normalizados. Impureza é o lugar comum. Aborto, homossexualidade e perversões morais de todos os tipos são aclamados por grandes grupos e entusiasticamente promovidos pela mídia popular. A noção pós-moderna de tolerância está sistematicamente virando virtude genuína na cabeça deles.

Praticamente a única coisa a ser rejeitada pela sociedade como maligna é a noção simplória e politicamente incorreta que o estilo de vida, religião, ou perspectiva diferente de outra pessoa é incorreto.

Uma exceção notável àquela regra se destaca claramente: os pós-modernistas aceitam a intolerância se for contra aqueles que alegam conhecer a verdade, particularmente os cristãos bíblicos. De fato, aqueles que se proclamam os advogados líderes de tolerância atualmente

são freqüentemente os oponentes mais declarados do Cristianismo evangélico.

Basta dar uma olhada na *Internet*, por exemplo, e veja o que está sendo dito pelos autoestilizados campeões de tolerância religiosa. O que você vai encontrar é uma grande quantidade de intolerância pelo Cristianismo bíblico. Na verdade, alguns dos materiais mais amargos anticristãos na *Internet* podem ser encontrados em *sites* supostamente promovendo a tolerância religiosa.!

Por que isso? Por que o Cristianismo bíblico autêntico depara com tal feroz oposição de pessoas que pensam ser modelos de tolerância? É porque as alegações de verdade das Escrituras e particularmente as alegações de Jesus de ser o único caminho para Deus — são diametralmente opostos às pressuposições fundamentais da mente pós-moderna. A mensagem cristã representa um golpe fatal à cosmovisão pós-modernista.

Mas se os cristãos se deixam enganar ou são intimidados a suavizar as alegações diretas de Cristo e a alargar o caminho estreito, a igreja não fará qualquer progresso contra o pós-modernismo. Nós precisamos recuperar a distinção do evangelho. Precisamos reconquistar nossa confiança no poder da verdade de Deus. E nós precisamos proclamar com ousadia que Cristo é a *única* verdadeira esperança para o povo deste mundo.

Isso pode não ser o que o povo quer ouvir neste tempo pseudo-tolerante do pós-modernismo, mas é verdade assim mesmo. E precisamente porque é verdade e o evangelho de Cristo é a única esperança para um mundo perdido é que é ainda mais urgente levantarmos acima de todas as vozes de confusão no mundo e dizer desta forma.

O restante deste livro irá examinar seis conceitos chaves que explicam a distinção do Cristianismo. São princípios que

totalmente contradizem a sabedoria convencional do pós-modernismo, mas eles são componentes essenciais de uma cosmovisão bíblica. Esses seis princípios, definidos por seis palavras-chave, se elevam uns sobre os outros e se interligam de tal modo que permanecem em pé ou caem juntos. Eles nos dão a estrutura necessária para o pensamento, para entendermos o mundo à nossa volta e para ministrarmos neste tempo pós-moderno.

Capítulo 2 - Objetividade

A tua palavra é a verdade. (Jo 17 .17)

O Cristianismo autêntico começa com a premissa de que existe uma fonte de verdade fora de nós. Especificamente a Palavra de Deus é verdade (Sl 19.151; Jo 17.17). Ela é objetivamente verdade — quer dizer, ela é verdade quer fale subjetivamente a um dado indivíduo ou não; é verdade independente de como alguém se sente sobre ela; é verdade para todos universalmente e sem exceções; é absolutamente verdade.

Isso, é claro, contradiz a pressuposição básica que governa o pensamento da maioria das pessoas atualmente. A filosofia pós-moderna diz que não existe tal coisa como verdade absoluta ou, se houver, será impossível de ser conhecida. Segundo o pós-modernismo, verdade nada mais é do que uma criação da mente humana; as pessoas determinam sua própria realidade; e portanto, ninguém tem a verdade. Acima de tudo, o pós-modernista está convencido de que nenhuma religião é superior a outra. Nós não devemos pensar que nossas crenças são necessariamente válidas para mais ninguém. Nem tampouco qualquer posição teológica será, em tempo algum, tida como certa ou errada. O

que eu acredito é válido para mim; e seja lá o que for que você crê é igualmente válido para você. E desta forma nós podemos aceitar a religião um do outro, mesmo se nossas crenças totalmente contradizem uma a outra. Esse é o credo do pós-modernista.

“Você pode não se dar conta de quão profundamente esse tipo de pensamento penetrou na consciência contemporânea, mas ele já tomou conta do mundo acadêmico e secular Dois meses após o dia 11 de setembro de 2001, do dia que ocorreu o ataque terrorista ao World Trade Center [Centro Mundial de Comércio] e ao Pentágono, o ex-presidente dos Estados Unidos da América, EUA, Bill Clinton, proferiu um discurso na Universidade de Georgetown, no qual ele sugeriu que o senso "arrogante de justiça" dos norte-americanos era em parte responsável por ter feito a nação um alvo do terrorismo.

Aparentemente, para Clinton, toda a confusão poderia ter sido evitada se todas as pessoas de ambos os lados tivessem simplesmente se dado conta de que não existe tal coisa como uma verdade absoluta ou universal e que, portanto, nenhuma ideologia merece briga.

"Ninguém tem a verdade," disse ele aos estudantes. "Vocês estão numa universidade que basicamente crê que ninguém nunca tem a verdade toda, nunca Nós somos incapazes de alguma vez ter a verdade completa." Os terroristas", sugeriu Clinton, estão sendo brutais e intolerantes apenas porque acreditam serem donos da verdade, enquanto que as atitudes mais tolerantes de nossa sociedade são enraizados na compreensão de que a verdade absoluta é impossível de ser conhecida. "Eles acreditam tê-la, mas nós, porque acreditamos que ninguém pode ser dono de toda a verdade, nós pensamos que todos são importantes."¹

Essas observações praticamente resumem a atitude da sociedade atualmente. O ceticismo foi entronizado e

consagrado, enquanto que a fé confiante foi banida e exorcizada. A única coisa de que podemos estar certos é que nós não podemos estar certos de coisa alguma. Ter convicções fortes sobre qualquer coisa (outra que não seja nossa própria inabilidade de descobrir a verdade), é tido como inerentemente intolerante até mesmo perverso. Além disso, de acordo com o modo de pensar pós-moderno, pouco adianta tentar combater as falsas idéias com as verdadeiras. Afinal de contas, eles dizem se alegarmos que temos a verdade, nós nos tornamos exatamente tão maus quanto os terroristas. Então, em vez disso, a inteligência pós-moderna está fazendo o que pode para tirar de todo mundo a noção arcaica de que verdade absoluta e objetiva é passível de ser conhecida de alguma forma.

Este ponto de vista está moldando o mundo em que vivemos. Multidões literalmente e de todo coração acreditam que podem construir sua própria realidade e definir sua própria verdade. A popularidade de tal filosofia é responsável pelo crescimento da religião e ideologia da Nova Era. Explica também porque as pessoas de hoje em dia são mais voltadas para si mesmas e mais narcisistas do que praticamente as de qualquer outra geração na História.

O ex-presidente Clinton estava sugerindo que é arrogância alguém pensar que conhece a verdade absoluta, mas arrogância de fato é aquela da pessoa que pensa que pode inventar sua própria verdade para a ocasião.

Quando tudo depende de sua definição de o que é — quando os indivíduos podem re-imaginar e re-interpretar tudo subjetivamente de modo que cada pessoa determina o que é certo a seus próprios olhos — a civilização encontra-se em sérias dificuldades. Essa é a direção na qual caminha nossa sociedade. Tendo acatado a noção de que verdade absoluta é impossível de ser conhecida, as pessoas se dispõem a aceitar quase qualquer coisa em lugar da verdade.

Mesmo na igreja tem havido uma erosão séria de confiança na verdade objetiva das Escrituras. Dogmatismo sobre qualquer ponto da doutrina é geralmente considerado fora de moda; incerteza e abertura a múltiplos pontos de vista é o estilo próprio entre os pregadores e professores nestes dias. Os movimentos de massa mais populares no meio evangélico atual são ecumênicos em sua confiança, insistindo para que coloquemos de lado a doutrina por amor à harmonia. Tais tendências refletem uma capitulação diante da idéia pós-moderna de que verdade absoluta é impossível de ser conhecida e, portanto, ela não importa muito, afinal de contas.

O desprezo do pós-modernismo pela verdade objetiva está se infiltrando na igreja de formas sutis, também. É só participar de um típico encontro evangélico para estudo da Bíblia no lar e você verá que, com grande probabilidade, será convidado a compartilhar sua opinião sobre "o que este versículo significa para mim," como se a mensagem das Escrituras fosse diferente para cada indivíduo. É raro o professor estar preocupado com o que as Escrituras significam para Deus.

Se realmente cremos que as Escrituras são a Palavra de Deus, por que nós hesitamos em dizer que ela tem um significado objetivo; é absolutamente verdade; e todas as outras interpretações são falsas? Os evangélicos sempre acreditaram que as Escrituras são claras — seu significado essencial é evidente de imediato. Não é um segredo ou um mistério para ser solucionado. A Bíblia é a revelação de Deus para nós. É uma revelação da verdade; não é um enigma. E em todos os assuntos essenciais ela fala com perfeita clareza.

Certamente que nas Escrituras " ... há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam ... para a própria destruição deles" (2Pe 3.16). Existem também muitos assuntos de importância secundária sobre os quais nós não precisamos discutir muito. Em tais assuntos

indiferentes a regra é clara: "Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente" (Rm 14.5), mas a mensagem principal das Escrituras e a mensagem do evangelho em particular é clara e sem ambigüidade. Não "provém de particular elucidação," e seu significado não está sujeito a preferências individuais. "Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.20,21).

Repetidas vezes a Escritura faz esse tipo de alegação sobre si mesma: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm3.16,17). Em outras palavras, a Escritura não apenas é inspirada por Deus, mas é também suficiente para nos equipar totalmente com toda a verdade espiritual de que precisamos. É mais segura do que os nossos próprios sentidos (2Pe 1.19, KN). Ela "permanece eternamente" (1Pe 1.25). É garantida até cada til e i (Mt 5.18). É imutável e "permanece eternamente" (Is 40.8). Jesus mesmo disse, "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Mt 24.35).

O Cristianismo autêntico sempre sustentou que as Escrituras são a verdade absoluta, objetiva. É tão verdade para uma pessoa quanto o é para outra, independente da opinião seja lá de quem for sobre ela. Ela tem um significado verdadeiro que se aplica a todo mundo. É a Palavra de Deus para a humanidade e seu verdadeiro significado é determinado por Deus; não é alguma coisa que possa ser formatada para encaixar nas preferências de ouvintes individuais.

As Escrituras são absolutamente verdadeiras, quer afetem você e eu, quer não. As Escrituras seriam verdadeiras mesmo que não existíssemos. De nenhuma maneira a

verdade das Escrituras é decidida pela experiência de alguém. Se ela nos afeta ou não subjetivamente nada tem a ver com seu significado de fato ou veracidade. A mensagem das Escrituras não é maleável. Não é singular para cada pessoa. Não é determinada pela experiência pessoal ou opinião pessoal.

Isso significa um forte golpe para um grande segmento dos que professam o Cristianismo atualmente. Multidões estão procurando ouvir a voz de Deus em suas cabeças ou buscando algum tipo de epifania intuitiva na qual a verdade lhe será revelada subjetivamente, mas a única verdade final e absoluta para o cristão — a verdade que supera todas as opiniões particulares, sentimentos pessoais e experiências subjetivas é a verdade objetiva de Deus como revelada nas Escrituras quando corretamente interpretada.

A verdade bíblica é objetiva. É verdadeira em si mesma. É verdadeira se sentimos ou deixamos de sentir que é verdadeira. É verdadeira se foi ou não validada pela experiência de alguém. É verdadeira porque Deus disse que é verdadeira. É verdadeira por completo e é verdadeira até o menor *til* ou *i*. O Salmo 119. 160 diz, "As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus justos juízos dura para sempre" (Sl 119.160).

Esse é exatamente o ponto de partida e o alicerce necessário para uma cosmovisão cristã verdadeira. Abra mão do fundamento da verdade bíblica e seja qual for o sistema de crença que reste não vale a pena ser chamado cristão, mesmo se ele retiver vestígios do simbolismo e da terminologia cristãos.

Muitos que se intitulam cristãos atualmente estão precisamente nessa situação. Eles usam linguagem e simbolismo cristãos, mas a fonte real da autoridade deles é algo além das Escrituras. Alguns simplesmente vivem pelo que sentem e moldam suas crenças segundo suas

preferências pessoais. Outros alegam que Deus lhes fala diretamente por meio de vozes, impressões fortes, ou sentimentos vagos que eles interpretam como revelações diretas do Espírito Santo. Outros ainda pensam que as Escrituras são escritos improvisados que eles podem modificar ou interpretar da maneira que desejarem. De qualquer modo, a vida e crença deles são comandadas pelas suas preferências pessoais. As crenças deles não são realmente diferentes daquelas dos seguidores da Nova Era que acreditam que a verdade é encontrada dentro deles mesmos.

Mas o Cristianismo histórico é baseado na revelação objetiva das Escrituras. Essa é a razão pela qual nossa primeira palavra-chave para descrever a cosmovisão cristã é *objetividade*. Nossa fé está firmada na convicção de que Deus falou e a sua Palavra é a verdade objetiva. O que ele nos deu é absoluto e inabalável. É a verdade pelas quais todas as outras alegações de verdade são medidas.

Capítulo 3 - Racionalidade

Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade.
(Jo 2.21)

Uma segunda palavra-chave que ajuda a definir uma cosmovisão autenticamente cristã é a *racionalidade*. Nós acreditamos que a revelação objetiva das Escrituras é racional. A Bíblia faz sentido perfeitamente. Ela não contém

contradições, nem erros nem princípios mal fundamentados. Qualquer coisa que contradiga as Escrituras é falso.

Esse tipo de racionalidade é oposto a todo o conteúdo do pensamento pós-moderno. As pessoas da atualidade são ensinadas a glorificar a contradição, a abraçar o que é absurdo, a preferir o que é subjetivo e a permitir que os sentimentos (em vez do intelecto) determinem o que eles crêem. Elas são ensinadas a não rejeitar idéias apenas porque contradizem o que nós aceitamos ser verdadeiro. E elas são até mesmo encorajadas a abraçar conceitos contraditórios e mostrar-lhes o mesmo respeito como se fossem verdadeiros. Tal irracionalidade não é nada menos do que rejeitar o conceito da verdade.

Como cristãos nós sabemos que Deus não pode mentir (Tt 12). Ele não "pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2.13); e, portanto, ele não se contradiz. Ele não é Deus de confusão (1Co 14.33). Sua verdade é perfeitamente coerente.

Isso significa primeiro de tudo, que a Palavra de Deus é um registro preciso e incontestável da verdade. A Bíblia não é cheia de absurdos, contradições ou fantasias. Ela é perfeitamente consistente com tudo o que é verdadeiro. Os fatos colocados pelas Escrituras são fidedignos.

Os eventos históricos descritos na Bíblia são história verdadeira, não alegorias míticas ou exóticas. A doutrina ensinada nela é sem erro. Os detalhes das Escrituras são preciosos, desde o dia da Criação até o dia final da consumação, da volta de Cristo. As Escrituras em si são completamente livres de todos os erros e deficiências.

"... é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei" (Lc 16.17). É desse modo que Cristo via as Escrituras, e qualquer pessoa que adote um ponto de vista diferente não será, nesse aspecto, um seguidor genuíno de Cristo.

Mas existe uma segunda, igualmente importante, implicação de nossa confiança na veracidade absoluta de Deus: Visto que sua Palavra é verdade objetiva e perfeitamente fidedigna em tudo que ensina, as Escrituras deveriam ser tanto o ponto de partida como o de chegada do teste da verdade em todo nosso pensamento. Se as Escrituras são totalmente verdadeiras, então qualquer coisa que as contradiga é simplesmente falsa, mesmo se estivermos falando de crenças fundamentais sobre as quais as ideologias mais populares do mundo são baseadas.

Esse tipo de racionalidade em branco e preto é uma das principais razões do Cristianismo bíblico ser intolerável numa geração que despreza a simples idéia de verdade absoluta.

A fim de que ninguém entenda mal, nós não estamos defendendo o *racionalismo* — a noção de que a razão humana sozinha, independente de qualquer revelação sobrenatural, possa descobrir a verdade. Um racionalista imagina que a razão humana é tanto a fonte como o teste final de toda verdade. O fato é que o racionalismo exalta a razão humana acima das Escrituras.

Como cristãos nós nos opomos ao *racionalismo*, mas o Cristianismo não de modo algum hostil a *racionalidade*. Nós cremos que a verdade é lógica; é coerente; é inteligível. Não apenas a verdade pode ser conhecida racionalmente; ela não pode ser conhecida de modo algum se nós abandonarmos a racionalidade.

Irrracionalidade é uma agressão às Escrituras e aos intentos de Deus. Quando Deus deu a Bíblia, era para que ela fosse entendida, mas ela só pode ser entendida por aqueles que aplicam sua mente a ela racionalmente. Contrário ao que muitos podem pensar o significado das Escrituras não é algo que nos vem através de meios místicos. Não é segredo espiritual que tem de ser descoberto por algum

método enigmático ou arbitrário. Seu significado verdadeiro pode ser entendido *apenas* por aqueles que a abordam racionalmente e sensivelmente.

Neemias 8 descreve o re-avivamento que se passou naquele tempo, motivado pela leitura pública das Escrituras.

Neemias descreve a cena:

Em chegando o sétimo mês, e estando os filhos de Israel nas suas cidades, todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça, diante da Porta das Águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o SENHOR tinha prescrito a Israel. Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam. Era o primeiro dia do sétimo mês. E leu no livro, diante da praça, que está fronteira à Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao livro da lei (Ne 8.1-3).

Observe-se a ênfase na atenção do povo.

A leitura era em benefício" ... de todos os que eram capazes de entender o que ouviam ... os que podiam entender." O versículo 8 descreve como Esdras e os escribas fizeram a leitura: "Leram no livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Ne 8.8).

A leitura não foi um exercício ritualista, como um canto ou a entoação cerimonial de alguma liturgia. Era dirigido às faculdades cognitivas das pessoas — suas mentes racionais.

O poder da Palavra de Deus reside em seu *significado*, não meramente no som das palavras. Não era um encantamento mágico em que seu poder pode ser liberado meramente recitando sílabas, mas o poder inerente nas Escrituras é o poder da verdade. Eu gosto de dizer que o *significado* das Escrituras é as Escrituras. Se você não interpretar a passagem corretamente, então você não tem a Palavra de Deus, porque apenas o significado verdadeiro é a Palavra de Deus.

Não é como se nós pudéssemos fazer as palavras significarem qualquer coisa que queiramos que elas signifiquem, de forma que, seja qual for a conotação que impusermos às palavras, elas se *tornam* a Palavra de Deus. Somente a interpretação verdadeira do texto é a autêntica Palavra de Deus e qualquer outra interpretação simplesmente não é o que Deus está dizendo.

Lembre-se, a Palavra de Deus é a verdade objetiva revelada e, portanto, tem um significado racional. Esse significado, e esse significado apenas, é a verdade. Entendê-la corretamente é de suprema importância.

Por essa razão é que é tão importante interpretarmos as Escrituras cuidadosamente a fim de entendê-la corretamente. É um processo racional, não um processo místico ou estranho.

É um processo espiritual? Certamente. Eu nunca início meu estudo da Palavra de Deus sem orar: "Senhor, abre meu entendimento para ver a verdade." Mas eu não fico sentado esperando que alguma coisa caia do céu; eu abro meus livros e busco o entendimento racional do texto.

Isso começa com a compreensão de que as Escrituras são internamente coerentes. Portanto, enquanto nós comparamos as Escrituras com as Escrituras, as partes mais claras explicam as partes mais difíceis. Quanto mais

estudamos mais luz é lançada no nosso entendimento. É trabalho mental duro, mas é também trabalho espiritual da mesma forma.

De fato, nós somos totalmente dependentes do Espírito Santo para nos ensinar a verdade, porque " ... o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14).

Mas a maneira como o Espírito Santo nos dá entendimento é através de nossas mentes — empregando nossas faculdades racionais (v. 16; Ef 1.18; 4.23; 2Tm 1.7).

A teologia neo-ortodoxa, que encontrou destaque na primeira metade do século 20, causou tremenda confusão sobre a racionalidade da verdade. Os teólogos neo-ortodoxos insistiam que o Cristianismo é um sistema de crença irracional — uma religião de "paradoxo". O que eles estavam realmente dizendo é que o Cristianismo é cheio de contradições. Paradoxo é uma designação errônea no sentido em que eles o usavam. "Um verdadeiro paradoxo é um jogo de palavras, tal como "Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (Mt 19.30), e "Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva" (Mt 20.26).

Mas quando os neo-ortodoxos usam o termo paradoxo eles estão falando de uma contradição real. Eles consideram toda verdade como irracional, contraditória e absurda à mente lógica. No sistema deles, fé implica no abandono da lógica. É um pulo cego no abismo do irracionalismo. Eles emprestaram seu irracionalismo da filosofia existencial e fizeram dele uma marca registrada de sua teologia.

Ao fazer isto, eles lançaram fundamentos para uma versão pós-moderna do Cristianismo.¹ Mas esse não é o

Cristianismo verdadeiro porque ele abandonou a racionalidade, que é essencial à verdade propriamente dita.

O problema com tal irracionalismo é que ele anula a lei da não-contradição, o fundamento essencial de todo pensamento racional. Se duas proposições contraditórias pudessem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo, então uma idéia que se opõe à verdade não poderia necessariamente ser considerada errada. A antítese de uma afirmação verdadeira não poderia automaticamente ser julgada falsa. Este é o mesmo tipo de pensamento que reside no coração da tolerância pós-modernista. Não é uma visão cristã da verdade. É irracionalismo.

O apóstolo Paulo escreveu, "Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas" (1 Tm 6.3,4). A afirmação de Paulo assume que a verdade é racional e seja o que for que contradiga a verdade está errado. Este é o entendimento cristão correto da verdade bíblica.

É a antítese do pensamento pós-modernista.

Existem algumas partes difíceis de entender na doutrina cristã. Por exemplo, nós acreditamos que Deus é soberano sobre a vontade humana "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21.1). Não obstante, cremos que a pessoa escolhe livremente de acordo com seus desejos de modo que cada um é moralmente responsável por suas ações "Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus" (Rm 14.12). Muitos acham essas verdades difíceis de reconciliar; contudo não existe de fato nenhuma contradição entre elas. A soberania de Deus não se encontra em conflito com a responsabilidade humana. Os dois princípios

trabalham em perfeita harmonia, mesmo embora não seja imediatamente óbvio para nós o como eles funcionam. Nós também acreditamos na Trindade — que Deus é um em essência, mas subsiste em três pessoas. Alguns tentam caracterizar esta doutrina como contraditória, mas ela não é.

Nós não cremos que Deus é três no mesmo sentido em que ele é um. Tais verdades não são contraditórias; elas não são nem ao menos paradoxos no sentido em que os neo-ortodoxos usam os termos. Elas são verdades difíceis que, no máximo, requerem que exercitemos cuidado extra na aplicação da lógica com rigor, mas nós não devemos pensar que são irracionais. Elas não são.

Irrracionalidade é equivalente à negação da verdade. Precisamente porque acreditamos que a Bíblia é objetivamente verdadeira, nós insistimos que ela deve ser compreendida e interpretada racionalmente.

Capítulo 4 - Veracidade

Agora, pois, Ó SENHOR Deus, tu mesmo és Deus, e as tuas palavras são verdade, e tens prometido a teu servo este bem. (2Sm 7.28)

Uma terceira palavra que estabelece o arcabouço para uma cosmovisão cristã é veracidade. O Cristianismo autêntico, como nós estamos vendo, está preocupado do princípio ao fim com a verdade. A fê cristã não tem a ver primariamente com sentimentos, embora sentimentos profundos com certeza resultarão do impacto da verdade no nosso coração. Não tem a ver com relações humanas, muito embora as relações sejam o foco principal de muitos púlpitos evangélicos atualmente. Não tem a ver com sucesso e bênçãos terrenas, não importa quanto uma pessoa possa ter

essa impressão ao assistir os programas que dominam a televisão religiosa estes dias.

O Cristianismo bíblico é todo sobre verdade. A revelação objetiva de Deus (a Bíblia) interpretada racionalmente produz verdade divina em medida perfeitamente suficiente. Tudo o que nós precisamos saber para a vida e a piedade está se encontra nas Escrituras (2Pe 1.3). Deus escreveu somente um livro — a Bíblia. Ela contém toda a verdade pela qual ele tenciona que orientemos nossa vida espiritual. Não temos necessidade de consultar qualquer outra fonte de princípios morais ou espirituais. As Escrituras não são apenas a verdade inteira; elas são também o mais elevado padrão de toda verdade — a regra pela qual todas as alegações de verdade devem ser medidas.

Tal convicção é a exata antítese da noção pós-modernista de que ninguém deve alegar conhecer a verdade objetiva. E essa é outra grande razão pela qual o Cristianismo tem sido bombardeado pelos proponentes do inclusivismo pós-moderno.

O Cristianismo autêntico é a "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 1:3). A verdade cristã não está sujeita a mudança ou emenda. Não é anulada por alterações na opinião do mundo ou nos padrões do que possa ser politicamente correto. Não precisa ser adaptada e redefinida para cada nova geração.

Certamente que uma compreensão individual da verdade pode ser refinada e apurada pelo estudo das Escrituras, mas a verdade em si não necessita ser reinventada ou remoldada a fim de se tomar apropriada para os tempos em que vivemos. A mesma verdade em que Abraão, Moisés, Davi e os apóstolos acreditavam é ainda verdade para nós. Tempos mutáveis não mudam a verdade. As Escrituras são imutáveis como também o próprio Deus: "... a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente" (1Pe

1.25). Em outras palavras, nós precisamos adaptar nossa compreensão à verdade da Palavra de Deus, não tentar manipular as Escrituras num esforço vão de harmonizá-la com opiniões mutáveis deste mundo.

A verdade das Escrituras é algo precioso que deve ser cuidadosamente manejado e zelosamente guardado (1Tm 6.20). Mais uma vez, uma compreensão apropriada das Escrituras envolve estudo consciencioso e diligente. Segundo Timóteo 2.15 diz, "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade." Por implicação nós vemos que todos os que não manejam as Escrituras corretamente, são trabalhadores desleixados que devem ser envergonhados. A expressão traduzida por "maneja bem" vem da expressão grega que significa "cortar reto."

Paulo estava utilizando sua própria experiência como um fazedor de tendas e aplicando um princípio aprendido do ofício para interpretação da Bíblia. Tendas eram feitas de materiais como peles de cabras. Visto que cabras são animais relativamente pequenos, nenhuma pele era grande o suficiente para fazer uma tenda. Portanto, o fazedor de tendas tinha de cortar muitas peles de cabras conforme um padrão e costurá-las para fazer uma tenda grande. Obviamente se os pedaços não fossem cortados retos eles não se ajustariam apropriadamente. Então quando o apóstolo Paulo diz que devemos "cortar reto" as Escrituras ele quer dizer que as passagens individuais das Escrituras devem ser interpretadas de modo que uma combina perfeitamente com a outra de uma forma coerente e harmoniosa.

Em outras palavras ninguém tem o direito de ser um teólogo se não for um exegeta. É impossível que você consiga entender o todo se você não puder colocar todos os pedaços juntos de forma correta. E se você for lidando de forma errada com os pedaços eles não se ajustarão uns aos outros. Interpretações errôneas não irão ao final se encaixar num

todo coerente. Você tem de interpretar as passagens individuais corretamente (cortá-las de forma reta). Você faz isso comparando as Escrituras com as Escrituras — ou seja, deixando as Escrituras serem a regra pela qual se interpreta as Escrituras. Quando isso é feito de forma correta — quando você entendeu corretamente os textos das Escrituras — então eles se encaixam uns aos outros, e o todo aparece da maneira como Deus planejou.

Precisamente porque ela é a "palavra da verdade" tanto no todo quanto em partes, as Escrituras se encaixam perfeitamente. Este encaixe perfeito é uma das maneiras pela qual nós sabemos que temos interpretado as seções das Escrituras corretamente. Então as Escrituras corretamente interpretadas apresentam a verdade. E esta verdade é a substância de nossa mensagem.

Nos tempos de Paulo, da mesma forma que atualmente, havia homens que buscavam posições de destaque no ministério e liderança da igreja, mas não estavam realmente preocupados com a verdade. Eles fabricavam sua mensagem à medida que prosseguiam. Estavam aparentemente buscando prestígio ou influência, ou algum outro tipo mais sinistro de gratificação carnal. O ensinamento deles, portanto, torcia a verdade. Paulo se referia a isso como "falatórios inúteis e profanos" (2Tm 2.16). Essa afirmação segue imediatamente após sua admoestação a Timóteo sobre manejar bem a palavra da verdade.

Ele escreve, "Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso, a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns" (2Tm 2.16-18).

Observe-se que o apóstolo Paulo não se importou em citar os nomes. Ele não estava preocupado em ser

politicamente correto; ele estava preocupado com a verdade. E os fornecedores de mentiras deviam ser identificados e respondidos com a verdade. A verdade torcida deles estava de fato derrubando a fé de alguns.

Verdade e fé são inseparavelmente entretecidas. As pessoas não podem ter fé genuína fora da verdade. A fé real envolve a concordância da mente e a submissão da vontade à verdade. Então, se subtrair a verdade da equação você derruba a fé, como Himeneu e Fileto estavam fazendo.

Você se dá conta de que a verdade é instrumental na salvação? As pessoas não podem ser salvas sem ouvir e abraçar a verdade. Romanos 6.17 diz, "... graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues." Em outras palavras, as pessoas são salvas quando são libertas do erro para a sã doutrina a verdade. Existe um sentido real no qual fomos salvos pela verdade. Pedro escreve, "Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade" (1Pe 1.22). Nós somos regenerados pela palavra da verdade (v. 23).

Portanto, a verdade é tudo para um cristão.

É por essa razão que somos chamados a refutar o erro, defender a verdade e proclamar as Escrituras como a suprema verdade contra toda mentira propagada pelo mundo.

Eu temo que a igreja nesta época pós-moderna tenha deixado de se concentrar nesse fato. Não é mais considerado necessário lutar pela verdade. De fato, muitos evangélicos agora consideram maus modos e descaridoso discutir sobre qualquer ponto da doutrina. Até mesmo os erros grosseiros são agora totalmente toleráveis em alguns ambientes em nome de preservar a paz. Em lugar de manejar bem a Palavra da verdade e proclamá-la como verdadeira, muitas igrejas

agora apresentam palestras, dramas, comédias e outras formas de entretenimento motivacionais — enquanto ignoram as grandes doutrinas da fé. Enquanto isso pessoas que atacam a verdade de forma pretensamente erudita encontram no meio evangélico editoras que publiquem os seus escritos e são honradas como se tivessem profundo entendimento.

Precisamos recuperar nosso amor pela verdade bíblica, bem como nossa convicção de que ela é verdade indiscutível.

Nós temos a verdade num mundo em que a maioria das pessoas está simplesmente vagando sem rumo em ignorância desesperada. Precisamos proclamar do topo dos telhados e parar de brincar com aqueles que sugerem que nós estamos sendo arrogantes se alegarmos que sabemos alguma coisa como certo.

Nós temos a verdade, não porque somos mais inteligentes ou melhores do que outros, mas porque Deus a revelou nas Escrituras e foi gracioso em abrir nossos olhos para vê-la. Estaríamos pecando se tentássemos guardar a verdade só para nós mesmos.

Capítulo 5 - Autoridade

Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. (Mc 1.22)

Um entendimento da autoridade da Bíblia é a quarta pedra fundamental para uma cosmovisão cristã. Visto que acreditamos que as Escrituras são verdadeiras, nós devemos proclamá-las com convicção, sem transigir e sem nos

desculparmos. A Bíblia faz alegações ousadas e os cristãos que crêem nela devem afirmá-las com ousadia.

Qualquer pessoa que fielmente e corretamente proclama a Palavra de Deus irá falar com autoridade. Não é a nossa autoridade. Nem ao menos é a autoridade eclesiástica ligada ao ofício de um pastor ou professor na igreja. É uma autoridade ainda maior que essa. Na medida que nosso ensino reflete com precisão a verdade das Escrituras, ele tem o peso total da própria autoridade de Deus. Este é um pensamento surpreendente, mas é precisamente como 1Pedro 4.11 nos instrui em como manusear a verdade bíblica: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus."

Esta é naturalmente uma profunda ameaça à tolerância de uma sociedade que ama seu pecado e pensa que transigência é uma coisa boa. Falar ousadamente e declarar que Deus falou com finalidade não é moda nem politicamente correto, mas se nós cremos verdadeiramente que a Bíblia é a Palavra de Deus, como podemos manuseá-la de outra maneira?

Muitos evangélicos modernos, amedrontados pelas exigências do pós-modernismo, alegam crer nas Escrituras, mas depois se abstêm de proclamá-la com qualquer autoridade. Eles estão dispostos a falar sobre a verdade das Escrituras, mas na prática eles a desnudam de sua autoridade, tratando-a apenas como mais uma opinião num grande mix de idéias pós-modernas.

Nem as Escrituras nem o bom senso irão permitir tal postura. Se a Bíblia é verdadeira então ela tem também autoridade. Como verdade divinamente revelada ela carrega o peso inteiro da própria autoridade de Deus. Se você alega crer na Bíblia de algum modo, você finalmente tem de se curvar à sua autoridade. Isto significa fazer dela o final

árbitro da verdade — a regra pela qual toda opinião é avaliada.

A Bíblia não é apenas uma outra idéia para ser jogada numa discussão pública e aceita ou rejeitada como o indivíduo desejar. É a Palavra de Deus e exige ser recebida como tal, com a exclusão de todas as outras opiniões.

Obviamente, essa maneira de avaliar a verdade é impopular hoje. Segundo a nova tolerância pós-moderna, todo mundo tem direito a ter sua própria opinião de acordo com suas preferências; toda crença tem de receber igual respeito; e ninguém deve alegar superioridade para qualquer ponto de vista.

Com efeito, então, a tolerância pós-moderna implica em total rejeição de todo conceito de autoridade divina. Ela acarreta uma negação de que Deus verdadeiramente falou, ou no mínimo, uma negação de que suas palavras têm qualquer autoridade real.

Como cristãos nós enfrentamos uma escolha clara: ou acompanhar o espírito da época e reduzir a autoridade das Escrituras, ou aceitar as Escrituras e colocar sua autoridade e nós mesmos contra o resto do mundo. Nosso dever é claro (Tg 4.4).

Não obstante, parece que muitos dos líderes da comunidade evangélica, pessoas que são vistas e ouvidas, estão temerosos de afirmar a autoridade bíblica. Raramente o pregador evangélico fala claramente ao mundo com um autorizado "Assim diz o Senhor." Como é que nós chegamos ao ponto em que podemos aceitar como autoridade a opinião de um advogado, um médico, um arquiteto, mas não podemos tolerar a autoridade da Palavra de Deus?

Será que os evangélicos ainda acreditam sem reservas que a verdade bíblica tem autoridade divina? Evidentemente não. Tem se tomado moda falar sobre o choque entre verdade

e erro como um "diálogo." Toda vez que um conflito se levanta entre o Cristianismo e outro ponto de vista, alguns líderes evangélicos convocam um diálogo com os defensores do outro ponto de vista. Na última década líderes evangélicos bem conhecidos têm patrocinado diálogos formais com uma variedade ampla de figuras religiosas não-cristãs, líderes de seitas, defensores de vários estilos de vida e representantes de praticamente todo ponto de vista que é hostil ao Cristianismo bíblico.

Pouco após o evento terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos da América, uma de suas mais conhecidas igrejas evangélicas patrocinou um diálogo com um clérigo islâmico (imam) no culto de adoração do final de semana, ostensivamente para reunir cristãos e muçulmanos. "Eu achei muito interessante ver o quanto nós temos em comum," disse um membro da igreja a um repórter depois do culto. Outro disse que o diálogo com o imam tinha "aberto portas para comunicar e mostrou que os muçulmanos são gente do mesmo jeito que nós." Segundo o repórter que cobria o evento, aquelas respostas eram "o tipo de impacto que o pastor desejava."¹

Por quê tais diálogos sempre parecem minimizar as diferenças entre o Cristianismo e a falsa religião — e nunca traçar linhas de distinção mais claramente?

A verdade bíblica é para ser proclamada com autoridade, não colocada na mesa para discussão apenas como uma alternativa possível entre outros pontos de vista. O conflito entre verdade bíblica e crenças rivais não é assunto para ser resolvido por meio de diálogo. Essa é uma guerra espiritual não uma festa descontraída. Ela deve ser vista como um combate não uma conversação. Nós recebemos ordens de destruir as fortalezas do pensamento anti-bíblico " ... e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus ... levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2Co 10.5).

Mas as igrejas têm se tornado tão efeminadas e fracas nestes tempos que os mais evangélicos parecem pensar que tal postura de militância contra o erro é inconveniente e demasiado severa. Os cristãos têm virtualmente se rendido na batalha pela verdade. Como resultado, a comunidade evangélica se tornou um lugar onde as pessoas podem advogar virtualmente qualquer coisa ou promover quase qualquer doutrina, e a única coisa que ninguém pode dizer é que alguém está errado.

Existe até um nome para a nova perspectiva: É chamada "hermenêutica da humildade." Um resumo da proposta de um seminário no assunto diz o seguinte:

O curso visa auxiliar os alunos a aprenderem a formular uma nova teologia e métodos que são relevantes e significativos no mundo pluralista, multicultural, pós-moderno, no qual somos chamados a ministrar. É basicamente uma tentativa de articular uma hermenêutica...

Baseada no diálogo, um esforço sincero de extrapolar os limites dos pontos de vista individual, isto é, uma hermenêutica da humildade.²

Um outro que defende o mesmo objetivo diz, Os cristãos devem destilar as preciosas percepções do pós-modernismo com sua cultura multicultural e desconstruída.

Nós precisamos extrair desta crítica radical o que é apropriado para uma visão cultural cristã renovada — desenvolvendo uma hermenêutica da humildade. Nós precisamos dar um exemplo de uma postura cultural não-triunfalista, que ouve e confessa.

Mas a Bíblia nada sabe da tal "hermenêutica" baseada no diálogo com outros pontos de vista. Nossa pregação das Escrituras deve ter autoridade. Em Tito 2.1, o apóstolo Paulo disse a um jovem pregador, "Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina" (Tt 2.1). No final deste mesmo capítulo ele

acrescentou, "Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze" (Tt 2.15). A palavra traduzida como "desprezar" é o termo grego *kataphroneo*, que literalmente significa "pensar ao redor." Paulo está dizendo a Tito, "Não deixa ninguém te iludir; não deixa ninguém frustrar a verdade. Prega a sã doutrina; ensina e exorta as pessoas com autoridade que é inerente na Palavra de Deus, e confronta ou repreende as pessoas que se opõe à verdade."

Nas palavras de 1 Timóteo 4.11: "Ordena e ensina estas coisas" (ênfase acrescentada).

Isso não significa que devemos ser abusivos ou grosseiros, naturalmente. É possível ser ao mesmo tempo ousado e caridoso e esse é o equilíbrio que nós precisamos buscar. Paulo diz em Efésios 4.15 que devemos falar "a verdade em amor", mas proclamá-la com a devida autoridade.

Não existe nenhum outro meio genuíno de manusear a verdade bíblica. Ela é afinal a verdade bíblica revelada pelo próprio Deus e deve ser proclamada como tal.

Capítulo 6 - Incompatibilidade

À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva. (Is 8.20)

As Escrituras dizem que "mentira alguma jamais procede da verdade" (1Jo 2.21). Como cristãos nós sabemos que seja o que for que contradiga a verdade bíblica é, por definição, falso. Em outras palavras, a verdade é incompatível com o erro. Incompatibilidade é, portanto, uma

quinta palavra essencial para descrever uma cosmovisão bíblica.

Claramente e sem rodeios, Jesus afirmou a total exclusividade do Cristianismo. Ele disse, "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). ". não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

Obviamente este tipo de exclusividade é fundamentalmente incompatível com a tolerância pós-moderna.

Como cristãos nós devemos entender que seja o que for que se oponha à Palavra de Deus ou de alguma maneira se afaste dela é um perigo à causa da verdade. Passividade em relação ao erro conhecido não é uma opção para o cristão. A intolerância para com o erro encontra-se permeada nas próprias Escrituras. E tolerância para com o erro conhecido é tudo menos uma virtude.

Verdade e erro não podem ser combinadas para produzir algo bom. Elas são incompatíveis da mesma forma que a luz e as trevas. "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos?" (2Co 6.14-16).

Nós não podemos dizer ao mundo, "Isto é verdade, mas, seja lá o que for que você quiser acreditar, também está bem." Não está bem. As Escrituras nos ordenam a ser intolerantes para com qualquer idéia que negue a verdade.

Para que ninguém entenda mal, eu não estou defendendo dogmatismo em nenhum tema teológico. Algumas coisas nas Escrituras não são perfeitamente claras.

Nas palavras da Confissão de Fé de Westminster, "Todas as coisas, por si mesmas, não são igualmente claras nas Escrituras, nem igualmente evidentes a todos" (1.7).

Algumas vezes nós não podemos reconstruir o contexto histórico para entender uma dada passagem. Um exemplo notável é a menção dos que "se batizam por causa dos mortos" em 1Coríntios 15.29. Existem pelo menos quarenta idéias diferentes sobre o que este versículo significa. Nós não podemos ser dogmáticos sobre tais coisas, mas essas são raridades nas Escrituras.

O ensinamento central das Escrituras é simples e tão claro que até mesmo uma criança pode entendê-la. O caminho da salvação em particular é tão claro que "quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco" (Is 35.8). E nas palavras da Confissão de Fé de Westminster novamente, "não obstante, aquelas coisas que precisam ser conhecidas, cridas e observadas para a salvação são tão claramente expostas e visíveis, em um ou outro lugar da Escritura, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar um suficiente entendimento delas" (1.7).

Toda a verdade que é necessária para a salvação é facilmente entendida de um modo verdadeiro por qualquer pessoa que aplica o bom senso e devida diligência em buscar entender o que a Bíblia ensina. E essa verdade — o cerne da mensagem das Escrituras — é incompatível com qualquer outro sistema de crença. Sobre isso nós temos de ser dogmáticos.

Não é de se admirar que o pós-modernismo, que se orgulha de ser tolerante com todo ponto de vista oposto, seja contudo hostil ao Cristianismo bíblico. Até o mais determinado pós-modernista reconhece que o Cristianismo bíblico é por sua natureza totalmente incompatível com uma posição de abertura mental indiscriminada. Se aceitarmos o

fato de que a Escritura é a verdade objetiva com a autoridade de Deus, nós seremos obrigados a ver que todo outro ponto de vista não é igualmente ou potencialmente válido.

Não há necessidade de buscar um terreno comum através de diálogo com proponentes de pontos de vista anticristãos, como se a verdade pudesse ser refinada pelo método dialético. É loucura pensar que a verdade dada por revelação divina precisa de qualquer refino ou atualização. Nem tampouco devemos imaginar que nós podemos encontrar os pontos de vista opositores em algum terreno neutro filosófico. O terreno entre nós não é neutro. Se nós realmente acreditamos que a Palavra de Deus é verdadeira, nós sabemos que toda oposição é um erro. E somos instruídos a não ceder qualquer espaço ao erro.

Em 2João 1.9-11 o apóstolo João escreveu, "Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho". Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. "Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más." Isso é que é incompatibilidade' Nosso amor pela verdade demanda uma intolerância do erro. Para ser claro, o apóstolo não estava advogando rudeza nem falta de hospitalidade para com os descrentes em geral (Novamente, a Escritura claramente nos ordena a mostrar amor e bondade mesmo para com nossos inimigos), mas João estava tratando com o problema dos falsos mestres itinerantes na igreja primitiva. Tipicamente, aqueles qualificados para ensinar a doutrina naquele tempo viajavam de cidade em cidade e buscavam abrigo nos lares dos crentes. João estava dizendo que quando um conhecido fornecedor de falsas doutrinas viesse buscando acomodação, não era para ele ser recebido na comunhão; não era para ele receber hospitalidade grátis; não era para ele receber encorajamento de nenhuma espécie — especialmente uma acolhida que significasse apoio ao seu trabalho de ensinar

falsas doutrinas. A antítese entre verdade e erro era tão importante que os crentes tinham o dever sagrado de deixar clara a desaprovação deles a qualquer um que deliberadamente corrompesse a verdade com mentiras.

De modo semelhante o apóstolo Paulo escreveu, " ... ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema [maldito]. "Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema" (Gl1. 8,9). A fala é pesada, mas o ponto é claro: quando alguém torcer a verdade fundamental do evangelho, mesmo que ele seja um anjo ou um apóstolo, que seja amaldiçoado.

Advertências contra falsos mestres enchem o Novo Testamento. É um tema importante nas epístolas pastorais, 2Pedro, Judas e 2João. Tudo o que for anti-bíblico — incluindo toda falsidade, qualquer má interpretação das Escrituras e toda heresia — não é para ser tolerado por aqueles que amam a verdade. É um perigo para a verdade e uma desonra à verdade de Deus. Uma cosmovisão bíblica é incompatível com qualquer tipo de tolerância de mentiras.

Capítulo 7 - Integridade

A integridade dos retos os guia; mas, aos pérfidos, a sua mesma falsidade os destrói.
(Pv 11.3)

Completando nossa lista de princípios simples para uma cosmovisão bíblica temos a palavra integridade. Esta flui naturalmente de todos os princípios precedentes. Visto que o

Cristianismo coloca tal alta ênfase na verdade, nós devemos reconhecer que integridade é uma virtude essencial e a hipocrisia um vício terrível.

Integridade é a qualificação bíblica essencial para todo o ministério. Em toda lista de qualificação para líderes da igreja no Novo Testamento, um pré-requisito encabeça a lista: O homem que deve ocupar um cargo na igreja deve ser "irrepreensível" (1Tm 3.2,10; Tt 1.6,7).

Sucesso nos negócios seculares, habilidade em relações públicas ou outros talentos mundanos não são o que qualifica um homem para liderança na igreja. A suprema e primária qualificação em todos os níveis da liderança da Igreja é integridade — amor pela verdade e consistência em vivê-la na prática. Ignorar este princípio é sacrificar o valor que nós atribuímos à verdade como cristãos.

Em outras palavras, se nós realmente acreditamos que a verdade das Escrituras objetiva e entendida racionalmente é tanto autoridade quanto incompatível com o erro, visto que a Bíblia é a Palavra singular do Deus vivo — devemos não apenas pregá-la, mas devemos vivê-la também. Não basta falar da boca para fora. Se verdadeiramente cremos que a Bíblia é a verdade divina, devemos deixar que ela permeie nossa vida e ministério. Viver de outra maneira é equivalente a negar a verdade. As pessoas que pensam de modo diferente, "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis desobedientes e reprovados para toda boa obra" (Tt 1.16).

Esdras, o sumo sacerdote nos tempos de Neemias, é o protótipo do que todo ministro piedoso deve ser. "Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízo s" (Ed 7.10, ênfase acrescentada).

Eu aprendi essa lição com meu pai, que foi pastor toda sua vida e um modelo de integridade, como também o foi meu avô antes dele. Eu comecei a entender quão difícil pode ser a luta logo quando comecei meu ministério aos vinte e poucos anos. Eu estava pastoreando havia apenas um mês quando fui solicitado a realizar o casamento de uma moça de nossa igreja que estava planejando se casar com um não-crente. Numa reunião do conselho da igreja alguns dos líderes insistiram comigo para realizar o casamento, visto que o pai da noiva era um homem influente. Havia muito em jogo. Poderíamos perder essa família na igreja se eu me recusasse.

Eu disse, "mas eu não posso fazer isso. Eu não posso fazer o que as Escrituras claramente proíbem. Os crentes não devem se colocar em jugo desigual com os incrédulos, segundo Coríntios 6.14."

Eles estavam esperando isso. Então responderam, "Bem, está certo. Nós entendemos seus sentimentos. Nós conhecemos um pastor de outra igreja que aceita realizar a cerimônia na nossa igreja."

Então eu lhes perguntei, "mas de quem é esta igreja? É de vocês para fazerem como bem entenderem ou é de Cristo?"

Eles responderam, felizmente como deviam, "Você está certo; nós não podemos fazer isso. Esta igreja é de Cristo."

Essa experiência foi o Rubicão¹ para a Grace Community Church. Esse foi o momento em que o futuro da nossa congregação foi decidido. De fato uma família inteira saiu da igreja e muitos outros membros saíram também por causa desse incidente, mas naquele dia nós decidimos como presbíteros, que não iríamos apenas pregar a Palavra de Deus; nós esperávamos que ela fosse vivida na vida comunitária da igreja.

Tal tipo de obediência à Palavra de Deus tem modelado e moldado nosso ministério com o passar dos anos. Ela é

aparente mesmo na maneira como nós cultuamos. Nós não entretemos as pessoas. Nós não apresentamos um espetáculo de circo. Nós nos reunimos para adorar a Deus, para exaltar a Cristo e para ouvir a pregação da Palavra de Deus. Nós praticamos a disciplina de igreja conforme Mateus 18.15-20. Nós buscamos obedecer o que as Escrituras pregam, sem importar com o quão politicamente incorreto ou fora de moda possa parecer. E num tempo em que muitas igrejas estão se tornando mais e mais como o mundo, nosso objetivo é nos conformarmos mais e mais com os padrões estabelecidos nas Escrituras. Deus tem abençoado isso e eu estou convencido que é porque os presbíteros têm buscado elevar o padrão de integridade bíblica em todos os níveis da liderança.

Infelizmente, o movimento evangélico hoje está se desviando desses princípios fundamentais e tem começado a abraçar as idéias pós-modernas indiscriminadamente. Os evangélicos estão perdendo a sua base; a confiança das pessoas nas Escrituras está erodindo; e a igreja está perdendo seu testemunho. Cada vez menos cristãos estão dispostos a se posicionar contra a tendência desta geração e os efeitos tem sido desastrosos. Subjetivismo, irracionalidade, mundanismo, incerteza, transigência e hipocrisia já têm se tomado o lugar comum entre as igrejas e organizações que no passado constituíam a corrente evangélica.

A única cura, eu estou convencido, é a rejeição consciente total dos valores pós-modernos e um retorno para estes seis princípios distintivos do Cristianismo bíblico. Nós devemos ser fiéis em guardar o tesouro da verdade que nos foi confiado (2Tm 1.14). Se não o fizermos, quem o fará?

* * *

Notas Finais

CAPÍTULO 1: A IGREJA VERSUS O MUNDO

1. Veja-se, por exemplo, <http://www.religioustolera.nce.org>

CAPÍTULO 2: OBJETIVIDADE

1. Um transcrito do discurso de Clinton do dia 7 de novembro de 2001, foi fornecido pela Georgetown University Office of Protocol and Events (O transcrito está disponível na Internet no site http://www.georgetown.edu/admin/publicaffairs/protocol_events/events/clinton_glf110701.htm).

CAPÍTULO 3: RACIONALISMO

1. Para ver um tratamento mais aprofundado do neo-ortodoxismo e irracionalismo, veja-se John MacArthur, *Reckless Faith* (Wheaton, IL: Crossway, 1994), 25-30.

CAPÍTULO 5: AUTORIDADE

1. Sean D. Hamill, "Willow Creek dá as boas vindas à perspectiva do clérigo muçulmano; pastor, *imam* mantém diálogo numa igreja suburbana," *Chicago Tribune*, 12 de outubro de 2001
2. Stephen S. Kim, Ph.D., "Ciência e Teologia em Diálogo: Uma Hennenêutica da Humildade," Claremont School of Theology (resumo na *Internet* no site: <http://templeton.org/pdf/SandR/kim.pdf>). Ênfase acrescentada.
3. Bruce Hennen, "Toward a Culture of Hope: Facing Christ in the Fact of the Other" de uma palestra pronunciada no dia 6 de agosto de 2001, no Glen Workshop em Santa Fé, Novo México, patrocinada pelo *Image: Um Jornal de Artes e Religião*. Ênfase acrescentada.

CAPÍTULO 7: INTEGRIDADE

1. *Rubião* era o nome do rio que Júlio César atravessou em desafio ao Senado Romano, marchando sobre Roma. É usado aqui como sinônimo de decisão que molda o futuro (N. do E.).